

EPISCOPADO E PROFECIA: LAS CASAS, L. E. PROAÑO E O. ROMERO

Vanildo Luiz Zugno, Juan Miguel Gutierrez, Roberson Chiarentin,
Yandri Loor Giler.



Resumo: Três grandes bispos da América Latina são tomados como tema de pesquisa acadêmica, sob a orientação do professor. O conjunto deles configura um traço marcante do Continente latino-americano e da atuação profética de três pastores em defesa da dignidade desprezada.

Palavras-chave: opção pelas vítimas; profeta dos oprimidos; bispo dos índios; conversão

No dia 23 de maio de 2015, a Praça Salvador do Mundo, na capital de El Salvador, ficou repleta de uma multidão de salvadorenhos e milhares de pessoas vindas de todo o mundo para celebrar a beatificação de Mons. Romero, assassinado em 24 de março de 1980 a mando do governo militar que naquele momento dirigia o país e, apoiado pelos Estados Unidos, reprimia toda e qualquer manifestação opositora.

O crime de Mons. Romero foi o de denunciar as atrocidades cometidas pelo exército em defesa dos privilégios da oligarquia salvadorenha e da proteção da área de influência norte-americana ante a ameaça do socialismo que se fazia presente na Amé-

rica Latina em Cuba, na Nicarágua, e ameaçava chegar ao poder através dos movimentos guerrilheiros na Guatemala e no próprio El Salvador.

Além da denúncia, a palavra e a prática de Mons. Romero mostravam a possibilidade de uma Igreja a serviço dos mais fracos e marginalizados, para além de todo projeto político ou ideologia. Ele mostrava que a Boa Nova de Jesus Cristo é para aqueles que mais sofrem e que toda pessoa humana, por ser filha de Deus, merece vida e dignidade reconhecida.

Em sua entrega até a doação da própria vida, Mons. Romero é exemplo de uma tradição de bispos latino-americanos que, em nome de Jesus Cristo, colocaram suas vidas e seu

apostolado a serviço dos pobres e, por isso, estão vivos na memória e na fé do povo latino-americano.

Neste ano de 2015, a ESTEF gozou da feliz coincidência de ter, entre os trabalhos de conclusão apresentados para obtenção do grau de Bacharel em Teologia, três que são dedicados a bispos que, em seu tempo e em seu lugar, foram sinal de solidariedade para com os mais fracos e indicativo para construir uma Igreja a serviço do pobre e, por isso mesmo, a serviço do Reino de Deus.

Além de Mons. Romero, também foram temas de trabalho de conclusão de curso Bartolomeu de Las Casas e Leonidas Proaño. O primeiro, tendo nascido na Espanha e vindo para o Caribe como “encomendero” nos primeiros anos da invasão, no contato com os índios escravizados e com a Palavra anunciada pelos frades dominicanos, converteu-se à causa do pobre e iniciou uma longa vida de combate pastoral e espiritual em favor da liberdade e dos direitos dos indígenas.

O segundo, Mons. Proaño, foi um bispo equatoriano que, nascido e educado em contato com a realidade indígena, ao ser nomeado bispo de Riobamba, optou por ser bispo empenhado em construir uma Igreja a partir das raízes culturais e sociais dos povos indígenas andinos. Pagou

o preço da incompreensão tanto no interior da Igreja como na sociedade equatoriana que não considerava os povos nativos como legítimos cidadãos. Mons. Proaño fez-se índio para que os índios pudessem ser cristãos e cidadãos de seu país. Seu trabalho à frente da diocese de Riobamba é uma das raízes que despertou e alimentou o vigoroso movimento indígena que, hoje, é um sujeito incontornável no cenário equatoriano e latino-americano que desafia não só um novo jeito de ser em sociedade, mas também provoca a pensar um novo paradigma para o cristianismo no Continente.

Trazemos aqui uma reelaboração dos textos utilizados pelos estudantes na apresentação oral de seus trabalhos. O objetivo é apresentar, mais do que o resumo dos trabalhos, uma motivação para que revisitemos estes e outros personagens que fazem a grandeza do cristianismo no Continente.¹

1. A EVANGELIZAÇÃO DE BARTOLOMEU DE LAS CASAS: UMA OPÇÃO PELAS VÍTIMAS²

Bartolomeu de Las Casas nasceu na Espanha, na cidade de Sevilha,

¹ A íntegra dos textos encontra-se disponível na Biblioteca da ESTEF.

² Bartolomeu de Las Casas foi o tema do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado por Juan Miguel Gutierrez sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Susin.

no ano de 1484. Em abril de 1502 formou-se em Direito pela Universidade de Salamanca. Aos 18 anos partiu junto com o governador Nicolás de Ovando e mais 200 colonos para as Índias Ocidentais onde, na Ilha Hispaniola (atual Haiti e República Dominicana) recebeu uma “encomienda”, ou seja, uma porção de terra com os índios que nela moravam. Para cultivar a terra o “encomendero” podia utilizar a mão de obra escrava dos indígenas e, em troca, devia ensinar-lhes a doutrina cristã.

Entre 1498 e 1502 Las Casas recebeu as ordens menores em vista de se tornar catequista nas Índias Ocidentais. Recebeu a ordenação sacerdotal em Roma no ano de 1507. Em 1510, na Ilha Hispaniola, o sistema de colonização passou por turbulências com a chegada dos frades dominicanos. Os frades exigiam um modelo de colonização orientada para a justiça social. No último domingo de Advento de 1511, Frei Antônio de Montesinos proferiu um violento sermão em defesa dos índios. No meio da multidão estava Las Casas que ficou profundamente abalado, mas continuou sua vida de conquistador. Em 1513, já sacerdote, Las Casas vai para Cuba como capelão de uma expedição de conquista.

Quando Las Casas ainda morava em Santo Domingo teve sua

confissão negada por Frei Pedro de Córdoba, seguindo a orientação dos dominicanos que recusavam a absolvição aos espanhóis que não tivessem uma mudança efetiva na relação com os índios. Com isso, Las Casas tomou consciência de sua situação e decidiu deixar a “encomienda”. Libertou seus escravos e passou a pregar contra o sistema de exploração colonial. No ano 1543, Bartolomeu aceitou ser bispo de Chiapas (México), com o objetivo de defender os índios. Ao chegar à sede de sua diocese foi mal recebido pelos espanhóis da região. Para defender os indígenas, começou então uma série de viagens entre o novo mundo e a Espanha onde apresentou diante do rei e em universidades suas teses em defesa dos direitos dos índios. Morreu com 80 anos, em Madrid, no dia 17 de março de 1564.

Conforme Las Casas, as terras onde chegaram os espanhóis em 1492 eram muitos férteis. As Índias Ocidentais eram um Paraíso que foi destruído por causa do ouro. Las Casas nos conta que os espanhóis que têm comandados ou interesses particulares nas Índias, em virtude de sua grande cupidez, nunca puderam deixar de injuriar, afligir, perturbar, prejudicar, inquietar, atormentar e oprimir os índios, tomando-lhes seus bens, suas terras, suas mulheres, seus

filhos e usando vários métodos de iniquidade.³

O escrito mais conhecido de Las Casas é “Brevíssima Relação da Destruição das Índias”. Nele o autor conta a sangrenta história da conquista da América espanhola. Muitos índios foram queimados vivos com toda sua família. Os espanhóis amestravam os cães para fazer em pedaços os índios à primeira vista. Os nativos corriam para as montanhas para escapar do inferno sangrento. As Índias Ocidentais foram convertidas em um inferno pela cobiça dos espanhóis. Acabar com esse inferno implicava eliminar o trabalhado forçado que levava os índios a morrerem em pouco tempo.⁴

A destruição das Índias Ocidentais foi uma guerra genocida com o extermínio de uma população indígena de milhões de pessoas: os espanhóis, com seus cavalos, suas espadas e lanças começaram a praticar crueldades estranhas; entravam nas vilas, burgos e aldeias, não poupando nem crianças e homens velhos, nem mulheres grávidas e parturientes e lhes abriam o ventre e as faziam em pedaços como se estivessem golpeando cordeiros fechados em seu redil.⁵

3 LAS CASAS, Bartolomeu de. *O paraíso destruído: a sangrenta história da conquista da América Espanhola*. Porto Alegre: LPM, 1984. P. 128.

4 LAS CASAS, 1984, p.18-33.

5 LAS CASAS, 1984, p. 32.

No século XVI, na América Latina, não se buscava evangelizar e converter as almas. Tanto para Colombo como para o Rei Fernando o interesse não era espiritual, mas econômico. O projeto tinha como finalidade explorar os inocentes das Índias Ocidentais. Os índios se rebelavam e recusavam a fé católica por conta das crueldades cometidas pelos espanhóis.

Las Casas, por sua vez, estava convicto que os índios podiam ser catequizados na convivência humana, tendo respeitados os seus direitos fundamentais. Ele afirmava que o governo espanhol e sua Igreja estavam engajados numa “cruzada” em que a evangelização servia de pretexto para procurar riquezas e tomar as terras dos índios.

A bula alexandrina *Inter caetera*, de 1493, apresenta o papel principal dos peninsulares: evangelizar os nativos. No entanto, o verdadeiro fim foi distorcido pelo anseio de riqueza. A prática dos cristãos não ajudava os nativos a se converterem. Os índios maldizem e blasfemam Deus por causa das guerras e do sofrimento imposto pelos colonizadores.

Segundo Las Casas, não é o discurso que fará a conversão dos indígenas, mas a prática do evangelizador. Se sua prática for boa, louva-se o nome de Cristo e os infiéis são indu-

zidos, persuadidos, animados e levados facilmente a receber a fé e a religião cristã. Se for má, naturalmente, produzirá efeitos contrários, pois faz com que se blasfeme o nome de Cristo e afasta, mais do que já estavam, os homens que ainda não conheceram o caminho da salvação; precipita-os numa situação pior e os afugenta.⁶

Las Casas, no ano 1537, escreveu em latim o tratado “Do único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião”. Seu objetivo era dar a conhecer que os Padres da Igreja e os Apóstolos usaram métodos pacíficos para a pregação e a implantação da fé. Para Bartolomeu, o ser humano deve ser atraído para a verdadeira religião com “a suavidade, a doçura, a brandura, a delicadeza, a afabilidade, o carinho”.⁷

Segundo ele, a evangelização só acontece com a persuasão e o diálogo. Com efeito, a fé não se impõe, se propõe. No modo de evangelizar dos espanhóis, os índios eram obrigados a aceitar o Evangelho e, se resistiam, eram oprimidos e mortos. Dentro desse sistema, dificilmente um índio ia aceitar ser batizado, porque os cristãos não eram coerentes com as palavras que anunciavam. Na proposta de

Las Casas, “o conteúdo da fé deve ser proposto àqueles que nela queremos instruir, sem dureza ou aspereza, sem imprudência, nem ameaças, sem precipitação ou impaciência”.⁸

Segundo ele, toda criatura racional nasce apta para ser conduzida, “branda e docemente”, por meio da sua liberdade. Para que cada criatura seja conduzida à verdade da religião cristã, o pregador precisa propor um entendimento seja persuasivo por suas razões. Conforme Las Casas, o pregador tem a missão de ensinar a verdade da fé aos seres humanos e deve recorrer à retórica, ou seja, ao método da persuasão. O pregador, no seu modo de anunciar o Evangelho, deve falar de tal modo que ensine, agrade e convença. Isso porque Cristo não fez nenhuma ameaça de pena temporal contra aqueles que não receberam o Evangelho. As pessoas devem ter a plena liberdade de aceitá-lo ou renegá-lo. Portanto, de acordo com Bartolomeu, vê-se, aqui, que Cristo concedeu aos Apóstolos somente a licença e a autoridade de pregar o Evangelho aos que quiserem escutá-lo, mas não a de forçar ou de infligir alguma moléstia ou desagradar aos que não quisessem escutá-los. Aos apóstolos ou pregadores da fé não concedeu autoridade para forçar

6 LAS CASAS, Bartolomeu. *Único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião*.v. 1. São Paulo: Paulus, 2010. P. 181.

7 LAS CASAS, 2010, p.53

8 LAS CASAS, 2010, p.77.

os que não quisessem ouvi-los, ou castigar os que, inclusive, os expulsassem das cidades.⁹

Las Casas foi um mestre no modelo de vida apostólica, na prática da luta pela libertação dos oprimidos. Las Casas segue o caminho discreto da contemplação por meio da oração que o leva a lutar pela justiça dos que não tem voz. Esse grande contemplador fica tão imerso na oração que esta o leva a amar e a sofrer pelos homens e mulheres que são injustiçados.

Las Casas, antes de sua radical conversão, estava preparando a pregação da festa de Pentecostes com o texto de Eclesiástico 34. Então sua consciência ficou iluminada pela Palavra de Deus. Foi esse texto que o retira da cegueira, das falsas certezas e acomodações. Esse texto serviu para Bartolomeu repensar a sua vida de padre e, depois de fazer isso, percebeu que não poderia celebrar a Eucaristia, porque estava cometendo injustiça. Esse profeta tornou-se contemplador que liberta, porque tomou a sério as exigências da justiça e da solidariedade. A preparação para celebrar dignamente, segundo o texto bíblico, é através dos elementos da justiça e da solidariedade:

O Altíssimo não se agrada com as oferendas dos ímpios e nem é

pela abundância das vítimas que ele perdoa os pecados. Como o que imola o filho na presença de seu pai, assim é o que oferece um sacrifício com os bens dos pobres. Escasso alimento é o sustento do pobre, quem dele o priva é um homem sanguinário (Eclo 34,18-21).

O texto fez lembrar ao missionário que a Eucaristia deve ter uma relação prática que leve a perceber a pessoa que está sofrendo. A Eucaristia tem que ser uma oração que desperte a consciência da pessoa que comete injustiça ao outro. O rito eucarístico e a injustiça são incompatíveis. Las Casas descobriu que celebrar o rito era uma injustiça, porque era um pão que estava sendo oferecido com a exploração dos índios. É inapropriado oferecer a Deus o pão roubado, pois Deus não aceita oferenda de mãos impuras.

Em sua opção pastoral libertadora, Bartolomeu começou a compreender o que sucedia nas Índias Ocidentais e procurou adotar o ponto de vista dos pobres e oprimidos. Por isso, em sua opção pastoral, viu-se obrigado pela luz de Jesus Cristo a devolver aos índios sua dignidade. Depois de lhes devolver a dignidade, passou a sentir-se em paz consigo mesmo.

Frei Bartolomeu, sendo bispo de Chiapas, no ano 1546, escreveu o tratado chamado “Avisos e regras para confessores”. O bispo de Chia-

9 LAS CASAS, 2010, p.131.

pas convocou os confessores a exigirem, dos colonos que exploravam os índios, a devolução dos direitos, dos bens e das propriedades. Só assim se poderiam perdoar seus pecados. Las Casas, enquanto bispo de Chiapas, manteve-se firme nos princípios dos direitos dos índios, não permitindo que os sacerdotes absolvessem nas confissões os pecados de escravidão.

Depois de sua conversão, Las Casas fez da própria experiência um ponto de partida para levar os outros “encomenderos” à conversão. Segundo Las Casas, é preciso fazer penitência de seu pecado, do contrário, é impossível conseguir a salvação. Nas Índias foi cometido um genocídio, porque os espanhóis deram morte prematura a todo o povo dos índios Taínos, caribenhos, e outros povos da América. Las Casas denuncia as injustiças e anuncia a boa nova que é o anúncio do Reino de vida, liberdade e dignidade.

A defesa dos direitos humanos havia começado com Frei Antônio de Montesinos, em seu sermão de Advento. Depois, Frei Bartolomeu passou a dar continuidade com a problemática da justiça com os índios. Para Bartolomeu os índios eram homens e mulheres chamados ao evangelho e já tocados pela graça de Cristo.

Las Casas considerava os índios como homens que tinham seus valo-

res e dignidade, e isso constituía os direitos naturais dos índios. A liberdade é um direito de cada ser humano e é um dom que vem de Deus. Todos os seres humanos nasceram livres. Portanto, ninguém pode ser privado da liberdade, nem mesmo por razões religiosas. O direito que ele defende é o direito à vida. Assume a postura de defesa daqueles que ele via morrer injustamente e privados da sua liberdade. O contato direto com as pessoas que sofriam deu-lhe possibilidade para fortalecer o direito natural que é o primeiro dos direitos humanos. O direito à vida e o direito à liberdade são fundamentais ao ser humano.

Bartolomeu de Las Casas propôs a defesa dos direitos dos índios como modo de evangelização. Após sua conversão, defendeu que o direito dos pobres deve ser defendido acima de qualquer coisa material. A pessoa que anuncia a Palavra de Deus deve amar a pessoa, o pobre, o oprimido e não o material.

Bartolomeu denunciava que “os espanhóis nunca tiveram o mínimo cuidado em procurar fazer com que a essas gentes fosse pregada a fé de Jesus Cristo, como se os índios fossem cães ou outros animais”.¹⁰ Em sua luta radical, ele quer que as autoridades assegurem a todos a igualdade de di-

¹⁰ LAS CASAS, 1984, p.112.

reitos na América. Portanto, os índios devem buscar, livremente, a verdade do Evangelho. Os indígenas como seres humanos e como povo têm que ser respeitados e aceitos em sua prática de religião tradicional.

Com o propósito de encontrar os responsáveis pela escravidão dos índios, Las Casas deixou sua diocese de Chiapas e foi morar em Valladolid para estar perto da “Junta de Valladolid” que legislava sobre as colônias da América. Nas discussões ali sustentadas, seu maior oponente foi Juan Ginés de Sepúlveda, um intelectual do século XVI, que defendia a teoria aristotélica da servidão natural dos povos inferiores. Sepúlveda usa a fórmula aristotélica de que há homens que são escravos por natureza. Outra tese defendida por Sepúlveda, sempre seguindo a teoria Aristotélica, era a da “guerra justa”. Segundo essa tese, a escravidão era justa desde que houvesse motivações justas para as guerras nas quais eles foram feitos escravos.

Contra essa argumentação, Las Casas afirma que as conquistas realizadas pelos espanhóis na América não obedeciam aos princípios da guerra justa, pois não tinham como objetivo a evangelização, mas o enriquecimento e a sede de ouro. A disputa que acontece entre Las Casas e Sepúlveda representa o confronto entre duas perspectivas teológicas.

De um lado, Sepúlveda, justificando a presença dos europeus para explorar as riquezas nas Índias. De outro lado, Las Casas, centrado na evangelização dos pobres.

No seu afã por defender os índios, Las Casas acabou apoiando a prática de trazer negros para as Índias Ocidentais. Nota-se que “o desejo de libertar os índios o impossibilitou de ver, com clareza e com a rapidez de costume, a situação injusta da escravidão dos negros”.¹¹ Da radicalidade, de nenhuma forma de violência contra os índios, aos poucos, compreendeu que se tratava de nenhuma forma de violência contra as pessoas simplesmente, inclusive os negros, de quem assumiu, afinal, a defesa, ou seja, finalmente, sua conversão estava completa. Este foi um pecado que Bartolomeu carregou em sua vida, embora tenha feito seu reconhecimento mais tarde.

Podemos dizer que Las Casas deixou para a cultura de hoje, ensinamentos permanentes, no que se refere ao amor em favor dos pobres. Um cristão que crê no evangelho não pode ficar indiferente aos sofrimentos humanos. Las Casas significa para o tempo de hoje, um profeta que contestou o

¹¹ JOSAPHAT, Carlos. Bartolomeu de las Casas: espiritualidade contemplativa e militante. *Convergência*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 223, 1989, p. 269-275. Esta nota: p. 275.

sistema do seu tempo, um sistema que violava os direitos dos índios.

Entrar em contemplação significa ir além das fórmulas religiosas. A celebração Eucarística, para o profeta das Índias Ocidentais, é o momento da verdade. É bom saber que, antes da celebração da eucaristia, é necessário fazer um exame de consciência para ser compassivo com o princípio da justiça. A Eucaristia é a fonte do encontro com Deus e com os seres humanos, isto foi o que iluminou Bartolomeu de Las Casas, o Santo não reconhecido.

2. DOM OSCAR ROMERO: PROFETA DOS OPRIMIDOS¹²

Vivemos num tempo em que se fala muito em crise das instituições principalmente na política. Assumir uma posição política em defesa dos direitos dos pobres, na atual conjuntura, pode significar sofrer humilhação pública. Na sociedade e na Igreja estamos carentes de líderes fortes que assumam posições coerentes com o evangelho e com os avanços que a sociedade vem dando.

No entanto, a Igreja Católica na América Latina, através das comu-

nidades eclesiais de base construiu ao longo do século XX uma corrente de lutas que ajudou na democratização e espalhou a semente da palavra no meio do povo pobre. Uma das figuras que mais se destaca neste processo é a de Monsenhor Oscar Romero, bispo de El Salvador, assassinado em 1980.

Foi com Monsenhor Romero que a Igreja na América Central e Caribe renovou o seu compromisso profético junto do povo. Oscar Romero se transformou no verdadeiro pastor que dá sua vida pelo rebanho. Ao assumir o compromisso de denunciar as mortes injustas passou a representar uma ameaça a quem sempre dominou através da força.

Para entender a figura de Dom Romero, é necessário entender os principais conflitos que ocorreram no século XX na América Central. A grande desigualdade social que atingia a América Central e o Caribe se tornou terreno fértil para muitos conflitos. Dentre eles, podemos lembrar a revolução mexicana (1910), a revolução cubana (1959), a revolução dominicana (1965), revolução sandinista na Nicarágua (1979), a guerrilha de El Salvador (1980). Todos esses conflitos foram marcantes na estruturação política, social e religiosa da América Central e Caribe no século XX.

Para se compreender o desenrolar dos demais conflitos que ocor-

¹² Mons. Romero foi o tema do trabalho de conclusão de curso apresentado por Roberson Chiarentin, sob a orientação do Prof. Me. Vanildo Luiz Zugno.

reram antes da Revolução cubana é necessário olhar a revolução mexicana de 1910. A inspiração se dava na busca por uma reforma agrária que prometia acabar com a grande distância entre ricos e pobre. Pancho Villa (1878-1923) e Emiliano Zapata (1879-1919) foram os grandes líderes da revolução mexicana. Entre as suas propostas estava a tomada das propriedades da Igreja para a reforma agrária. Fato este que colocou a Igreja ao lado dos latifundiários e forças conservadoras.

Em El Salvador, porém, temos nesse período o levante camponês (1932). Uma série de revoltas e protestos de camponeses e indígenas, ocorridos no país em virtude das grandes desigualdades sociais e econômicas, levou a uma forte repressão do governo autoritário de Maximiliano Hernández Martínez (1882-1966). O movimento camponês era liderado por Augustín Farabundo Martí (1893-1932), dirigente do partido comunista de El Salvador, que foi morto juntamente com aproximadamente 30 mil camponeses e indígenas.

Esses fatos são importantes, pois vão moldando o desenrolar da revolução cubana que veio a ocorrer de maneira concreta em 1959 com a tomada do poder por Fidel Castro, Che Guevara e Raul Castro. A revo-

lução cubana marca a entrada definitiva do comunismo como experiência concreta de governo. Até então tínhamos apenas tentativas de se criar um governo socialista. Com Fidel Castro se concretiza o primeiro governo comunista nas Américas.

A primeira década do governo socialista em Cuba foi marcada por intensos conflitos no campo da política internacional. O mundo estava vivendo a guerra fria entre as duas superpotências internacionais. De um lado os EUA e de outro a então URSS disputando a hegemonia entre países socialistas e capitalistas.

Durante a década de 60, com a pós-revolução cubana e a chamada guerra fria, desencadeou-se na América Central e Caribe uma série de conflitos armados que se estenderiam por trinta anos. Os conflitos atingiram principalmente Honduras, Guatemala, El Salvador e Nicarágua. Todas as guerrilhas armadas que surgiram no pós-revolução cubana, eram motivadas pelo fato de as transformações na sociedade cubana serem profundas e de caráter global, daí seu sentido revolucionário. A guerra era fria entre EUA X URSS. Mas na América Latina e países do leste europeu, muito quente.

Entre as várias tentativas de revolução, a que teve êxito foi revolução sandinista na Nicarágua, liderada pela

Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Agora a Igreja já não tem que combater o socialismo que poderia chegar a América, ele já está implantado, e uma onda de renovação progressista toma conta do interno da Igreja.

Muitas mudanças internas acontecem na Igreja nesse período. A nível mundial, temos o Vaticano II e, na América, temos Medellín e Puebla que servem de base para muitas mudança na Igreja. A principal delas é a abertura que a Igreja fez para as questões sociais. Surge aqui um personagem se igual: **Dom Oscar Romero**, que havia sido eleito bispo de El Salvador por ser considerado de posição moderada, não muito aberto a Medellín, torna-se a principal figura de uma Igreja comprometida com os pobres.

Foi em El Salvador, com seu território de apenas 21.040 km² que saiu um dos principais líderes e profetas da Igreja: Oscar Arnulfo Romero y Galdámez, ou, simplesmente, Monsenhor Romero. Uma conversão tardia, mas uma conversão que veio do encontro com o pobre e sem voz. Para entender a vida e as obras de Monsenhor Oscar Romero temos primeiro que entender o processo de conversão que se deu em sua vida.

A palavra conversão colocada neste ponto do trabalho é funda-

mental para se entender toda a história de Monsenhor Oscar Romero. Dentre os candidatos ao cargo, Monsenhor Romero foi o escolhido para assumir a Arquidiocese de San Salvador, por ser considerado o mais conservador. Nesse período a Igreja em El Salvador não era apenas uma ferramenta do sistema opressor. Nela já encontramos muitos sacerdotes, religiosas e religiosos trabalhando incansavelmente com os pobres. Lembramos o Padre Rutilio Grande (1928-1977) como um dos principais responsáveis pela conversão de Monsenhor Romero. Seria impossível compreender Romero sem olhar para a missão desenvolvida por Rutilio Grande. Amigo pessoal de Dom Oscar e seu confessor desde muitos anos, Padre Rutilio Grande era acusado de agitador social e de espalhar ideias comunistas no meio dos trabalhadores rurais. Por seu trabalho foi assassinado no dia 12 de março de 1977. Foi com esse fato que Dom Oscar Romero se deu conta da real situação que a Igreja vivia em El Salvador. Mudou sua postura e passou a fazer pronunciamentos públicos criticando o governo e sua política antidemocrática. Por suas denúncias, muitos procuravam o Bispo em busca da libertação de presos políticos ou para que denunciasses desaparecimentos e torturas.

A Igreja passa a não ver com bons olhos essa postura de Dom Oscar Romero, pois rompia definitivamente com as autoridades militares e oligarcas. As homilias de Dom Oscar Romero se multiplicam e todas partem do evangelho para a vida. As reflexões e homilias nesse momento da vida se referem a um rebanho abandonado pelo poder político. As maiores obras de Dom Oscar Romero são a sua fé e seu profetismo. Tornou-se o dono da voz para um povo sem voz. Falava em nome daqueles que não tinham mais nada, nem o direito da palavra.

No dia 24 de Março de 1980, enquanto celebrava a missa na capela do hospital, foi assassinado com um tiro no peito. Realizou-se nele a palavra de Jesus que diz: “Se o grão de trigo não cai na terra e não morre, fica sozinho. Mas se morre, produz muito fruto” (Jo 12,24). Podemos afirmar que o sangue de Oscar Romero não seria derramado inutilmente. A única forma que o poder dominante encontrou para fazer parar D. Romero foi a sua morte. Embora o poder do evangelho não se restrinja à vida terrena, transcende a esfera humana e se liga à divina.

O assassinato de Dom Oscar Romero nos deixou um legado que podemos dividir em três: eclesial, teológico e espiritual.

O *legado eclesial* de Dom Oscar Romero foi que as comunidades deveriam estar inseridas em seus respectivos contextos sociais, como fermento, ajudando a transformar essa realidade. Diante da vida e morte de Dom Oscar Romero, entendemos que seu maior legado eclesial, como bispo dos sem voz, foi justamente a sua profecia.

O *legado teológico* de Dom Oscar Romero é tirado de suas homilias. Foi através delas que nosso profeta comunicou seu pensamento e sua fé ao mundo. O ponto forte de sua pregação se dá em seu discurso, onde se lê: “toda profecia tem um preço: a cruz! Um fruto: a vida nova, salvação e libertação!” Essa teologia foi difundida nas décadas seguintes pelos agentes de pastoral e chegou até nossos dias. Não temos libertação sem cruz, mas também não temos libertação sem frutos de salvação.

O *legado espiritual* deixado por Dom Oscar está baseado no encontro com o Cristo libertador e com tantas mortes de pessoas anônimas. Soube abraçar a cruz com leveza e alegria. A morte só vinha para libertar seu rebanho. Certamente Dom Oscar não queria a morte, mas abraçou a cruz com muita leveza e fé. O legado de Dom Oscar Romero foi lançado junto com seu sangue no momento de sua morte. Segundo as próprias pa-

lavras de Dom Oscar, em março de 1980, “se minha morte for aceita por Deus, que ela seja pela libertação do meu povo e um testemunho de esperança no futuro”.¹³ Ao proclamar essas palavras, ele já deixa seu legado de fé e doação. Demonstra que a morte nunca tem a última palavra, mas sim a vida.

Foi por sua vida doada e por seu profetismo que, no dia 23 de maio de 2015, foi proclamado beato em El Salvador. Para a Igreja, no mundo atual, o exemplo de pastor engajado de Dom Oscar Romero revela o quanto a estrutura da Igreja limita os pastores que realmente desejam fazer diferente.

Foi através da luta dos camponeses que a Igreja foi tomando novos rumos e se alinhando motivada pela palavra de Deus. Sofreu com isso muitas acusações, mas teve grandes ganhos no sentido evangélico de compromisso com os marginalizados.

Ao assumir a voz dos que já não podiam gritar, Dom Oscar Romero se transformou no santo dos pobres da América Latina, convocando todos para a mesma conversão, que “é difícil e penosa porque as mudanças que ela exige não atingem apenas maneiras de pensar, mas também modos de viver”.

¹³ ROMERO, *apud* WRIGHT, Scott. *Oscar Romero e a comunhão dos santos*. São Paulo: Paulus, 2011. p. 206.

3. DOM LEÔNIDAS EDUARDO PROAÑO VILLALBA, BISPO DOS ÍNDIOS¹⁴

Leônidas Proaño nasceu em 29 de janeiro de 1910, no Equador. Foi filho único. Aprendeu no seio de sua família a amar aos indígenas. Ele diz: “Meus pais, fazendo uso de sua pedagogia, me ensinaram desde criança a amar aos indígenas”.¹⁵ Com treze anos ingressou no Seminário em Ibarra. Mais tarde passou ao Seminário Maior em Quito, onde descobriu suas qualidades jornalísticas e comunicativas.

Ordenado sacerdote em 1936, envolveu-se na Ação Católica que se enraizava no Equador. Engajou-se de modo especial com a Juventude Operária Católica (JOC). Neste movimento aprendeu o método “Ver, Julgar e Agir”. A respeito dele diz: “Este método se fez carne em mim. Ver a realidade. Vê-la em profundidade. Averiguar suas causas. Logo, julgá-la é dizer, estabelecer uma comparação entre o que é e o que deve ser, entre essa realidade e o plano de Deus. Por último, agir, isto é tomar decisões para trocar a realidade de acordo com os planos divinos”.¹⁶

¹⁴ Mons. Leonidas Proaño foi o tema do trabalho de conclusão de curso apresentado por Yandri Loor Giler, sob a orientação do Prof. Me. Vanildo Luiz Zugno.

¹⁵ TOBAR, 1998, p. 148.

¹⁶ PROAÑO, Leonidas. *Creo en el hombre y en la comunidad*. Autobiografía. Quito: Studio21, 2011. p. 67.

Por outro lado, o Equador na década dos anos 60 e 70 era um país de seis milhões de habitantes e tinha aspirações de modernização.¹⁷ Mas ainda conservava o regime do padroado e um latifúndio bem estabelecido e consolidado. Os indígenas eram explorados sem piedade pelos patrões e alugadores de fazendas, funcionários públicos e boa parte do clero e das comunidades religiosas.¹⁸ Em Riobamba, dois terços da população eram de indígenas e 73 % deles trabalhavam a terra como empregados das fazendas.

Dom Leônidas Proaño assumiu a Diocese em 1954. Sua primeira atividade foi conhecer a Diocese realizando visitas pastorais longas. Ele diz: “descontente da realidade que ia descobrindo, procurei caminhos de resposta para os problemas das pessoas, especialmente dos camponeses.”¹⁹ Ao conhecer a realidade depara-se com um panorama escandaloso de injustiças sociais, de analfabetismo e de uma fé alienante. O analfabetismo no Equador era de 32% e em Riobamba era dos 54%.

Por sua dedicação aos indígenas e por suas ações em favor da libertação das situações injustas em que viviam, Dom Proaño realizou sua

inserção na realidade local. No Equador a condição do indígena era de um excluído que nunca era levado em conta. Trazia consigo uma história de exploração de séculos. Os indígenas eram chamados de *huasipungeros*, que significa uma modalidade feudal de trabalho precário da terra que fazia do índio um verdadeiro servo. Dom Leônidas ao ver isto se comove profundamente. Sete meses depois de assumir a Diocese, em carta de 10 de outubro de 1954 descrevia assim a um amigo a situação do índio:

Se nos queixamos da situação do índio em outras províncias, que dizer da situação deles na de Chimborazo? É de chorar. Vestem-se de preto e de cinza... [...]. Tem um aspecto sujo, repugnante. Não se lavam nunca. Os cabelos caídos com total desleixo sobre o rosto... [...]. Os dentes escuros e carcomidos... O tom da voz parece um lamento. Olham como cachorros maltratados. Vivem... Senhor, como vivem! Em choças do tamanho de um toldo ou de toupeiras, num buraco cavado na terra. Explorados sem misericórdia pelos grandes milionários da Província, que, depois de lhes comprar suas colheitas se mandam para Quito, para Guayaquil, ou para as grandes cidades da América ou da Europa, onde esbanjam o dinheiro espremido desse miserável refúgio que é o índio de Chimborazo. Quando os vejo, sinto o coração apertado e adivi-

17 PROAÑO. 1972, p. 79.

18 BRAVO, 2010, p. 11.

19 PROAÑO, 2011, p. 82.

nho quanto é grande o problema que é sua redenção.²⁰

Está carta expressa a indignação face à situação do índio em Riobamba.²¹ Os indígenas serão os preferidos na ação pastoral liberadora de Dom Leônidas Proaño. Eles pareciam um paralítico. Precisavam aprender a caminhar com suas próprias pernas. Já que os latifundiários pretendem mantê-los na ignorância.

Assim é que se criaram as Escolas Radiofônicas populares para alfabetização, por meio duma educação libertadora. Isto sempre conforme o método Ver, Julgar e Agir. Outro aspecto da inserção de Dom Proaño foi a questão da terra, sobretudo com a reforma agrária no Equador. No ano de 1970 o Governo militar do Equador anunciou a Reforma Agraria e a distribuição de terras. O episcopado equatoriano emitiu uma carta pastoral sobre o assunto. Os bispos se mostraram disposto a entregar as terras que pertenciam à Igreja para que se realizasse a reforma agrária. Mas quando se teve que passar das palavras aos atos, só Dom Leônidas e o cardeal Pablo Muñoz-Vega man-

tiveram firme sua decisão. A diocese de Riobamba foi a primeira a dar as terras. Este gesto foi mal visto pelos latifundiários.²²

Dom Leônidas teve de enfrentar desafios por essa opção eclesial comprometida. O primeiro foi a intervenção de Roma por um visitador apostólico à diocese de Riobamba. Isso aconteceu no dia 20 de setembro de 1972. O segundo conflito aconteceu numa comunidade indígena chamada Toctezinín, por ocasião da primeira colheita destinada a 80 famílias, em 26 de setembro de 1974. Neste conflito foram presos camponeses, sacerdotes, religiosos e houve a morte dum indígena, Lázaro Cóndo. O terceiro foi a detenção pela Polícia Civil equatoriana de 54 pessoas que participavam de um encontro internacional de experiências pastorais que se celebrava em Riobamba. Estavam presentes, bispos, padres, religiosos e religiosos. Alegando que esse encontro atentava contra a Segurança Nacional, o governo equatoriano interveio detendo os presentes.²³ Tanto no primeiro como no terceiro conflito a Igreja do Equador e a Santa Sé

22 MORENO, 1981- 1985, p. 473.

23 Monseñor Proaño resalta estos conflictos en el libro *Creo en el Hombre y en la Comunidad*, (p. 246-259). Agustín Bravo, en el libro *El soñador se fue... pero su sueño queda* (p.112-141), también, encontramos en este último libro anexando las cartas que escribió Taita Proaño pidiendo esclarecimiento a la Conferencia de los Obispos del Ecuador y a la Santa Sede.

20 PROAÑO, 2011, p. 18.

21 La carta fue dirigida al Sr. Don. Roberto Morales de Almeida, amigo de Monseñor Proaño en Ibarra. Es considerada una de las cartas "clásicas", en donde se puede apreciar el accionar futuro, o la línea futura de pastoral que realizaría en la Diócesis de Riobamba.

nunca se manifestaram claramente sobre o assunto.

Outro elemento importante a considerar é a espiritualidade de Mons. Proaño. Nela destacamos a escuta da Palavra e a comunidade como o credo que deu sentido à vida de Dom Leônidas. Neste segundo aspecto cabe lembrar o Lar Santa Cruz, um lugar de reflexão duma Igreja viva e comprometida, criado pelo bispo de Riobamba. Essa comunidade tornou-se um espaço de vivência espiritual onde os pequeninos do Reino de Deus têm o primeiro lugar, e um lugar de divulgação da espiritualidade do povo que convida a um profundo seguimento de Cristo.

Importante é ainda destacar o caráter profético de Mons. Leônidas. Segundo Rosner, “ele tinha sempre bem claro a missão do profeta, de denunciar a anunciar. Denunciou os pecados da injustiça, criticou os caminhos errados do povo e anunciou o Reino de Deus, o Plano de Deus”.²⁴ Profecia que se expressou na solidariedade. Para Mons. Proaño, Deus é solidário com aquele que sofre. Solidário com as viúvas, com os órfãos, com os oprimidos, os estrangeiros, os exiliados²⁵. É a teologia da espiritu-

alidade de Dom Leônidas. O Cristo pobre, nas pessoas que sofrem e são exploradas. Todas estas características, as encontramos no seguimento de Jesus e estão claramente expressas no evangelho.

Cabe ainda destacar a proposta eclesiológica de Mons. Proaño contida na expressão “revolução de poncho” ou “Igreja de poncho”, um marco histórico-teológico de sua pastoral libertadora. O título quer significar uma linha pastoral para homens e mulheres de poncho, ou seja, uma igreja de indígenas e para indígenas.

Depois de Monsenhor Proaño, Riobamba não é mais apenas um lugar geográfico. Por sua Igreja comprometida com a liberação do povo, dos pobres, especificamente com os índios, Riobamba tornou-se um lugar teológico, um modo de sentir e expressar sua presença entre os indígenas do continente²⁶.

O sonho de Mons. Proaño permaneceu inconcluso. Mas sabemos que, assim como em Riobamba, os esforços por uma pastoral libertadora produzem seus frutos como Dom Proaño pode constatar em vida e con-

24 ROSNER, Enrique. *Leonidas el Amigo*. 12 reportajes – testimonios para una biografía contada de Mons. Leonidas Proaño. Quito: Silva, 2010. p. 153.

25 TOBAR, L. Luis A. *Monseñor Leonidas Proaño, pensamiento fundamental*. Quito: Editorial Ecuador, 2006. P. 85-106.

26 *La Buena Nueva de la Revolución de Poncho*, fue presentado por Agustín Bravo Muñoz en la II Conferencia del CEHILA, “Historia de la Iglesia en América Latina y el Caribe” en Sao Paulo, Brasil (1995). La reflexión presenta un marco histórico-teológico acerca de la pastoral libertadora de Monseñor Proaño (BRAVO, 1998, p. 92-141).

tinua acontecendo no Equador e em muitos lugares da América Latina:

Esse homem oprimido, esse homem sem voz, esse homem que, para se aproximar do patrão, se ajoelhava e cobria a mão para não sujar a mão do patrão e a beijava; esse homem que, quando se aproximava do sacerdote e do bispo caía igualmente de joelhos para fazer um gesto de igual saudação e que não se atrevia nunca a dizer uma palavra própria de seu pensamento ou de seu sentimento; esse homem que estava confuso e afundado, pois esse homem recuperou a palavra. Agora fala; agora vê; agora caminha; agora ouve; agora reclama. Já não tem medo de apresentar-se às autoridades, locais ou nacionais”.²⁷

Para conhecer a vida e a obra de Las Casas

1. DUSSEL, Enrique D. Economía e eucaristía. *Concilium*. Petrópolis, n. 343, 2011/5, p. 30-42.
2. GUTIÉRREZ, Gustavo. *Em busca dos pobres de Jesus Cristo: o pensamento de Bartolomeu de Las Casas*. São Paulo: Paulus, 1995.
3. JOSAPHAT, Carlos. Bartolomeu de las Casas: espiritualidade contemplativa e militante. *Convergência*. Rio de Janeiro, v. 24, n. 223, 1989, p. 269-275.
4. _____. *Contemplação e libertação: Tomás de Aquino, João da Cruz, Bar-*

tolomeu de Las Casas. São Paulo: Ática, 1995.

5. LAS CASAS, Bartolomeu. *Único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião*. v. 1. São Paulo: Paulus, 2010.
6. _____. *Liberdade e justiça para os povos da América: oito tratados impressos em Sevilha em 1552*. v. 2. São Paulo: Paulus, 2005.
7. _____. *O paraíso destruído: a sangrenta história da conquista da América Espanhola*. Porto Alegre: LPM, 1984.
8. LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. A contestação de um profeta: Bartolomeu de Las Casas (1474-1566). *REB*. Petrópolis, n. 34, 136, 1974/3, p. 806-823.

Para conhecer a vida e a obra de Monsenhor Romero

1. GOMEZ, L. A. de Souza (org.). *D. Oscar Romero Bispo e Mártir: Homilias*. Petrópolis: Vozes, 1980.
2. PEREIRA, Luís Fernando. *O profeta dos oprimidos da América Latina: Diário de Dom Oscar Romero*. São Paulo: Paulinas, 1997.
3. ROMERO, Oscar A. *Homilias*. San Salvador: UCA Editores, 2005/2009.
4. SOBRINO, Jon; MARTIN-BARÓ, Ignacio; CARDENAL, Ernesto. *Voz dos sem voz: a profecia de Oscar Romero*. São Paulo: Paulinas, 1987.
5. WRIGHT, Scott. *Oscar Romero e a comunhão dos santos*. São Paulo: Paulus, 2011.

²⁷ PROAÑO, 2011, p. 154.

Para conhecer a vida e a obra de
Mons. Proaño

1. BRAVO, Agustín. *El Soñador se fue Pero su sueño queda*. Fondo Documental Diocesano. Quito: Don Bosco, 1998.
2. TOBAR, L. Luis Alberto. *Monseñor Leonidas Proaño: pensamiento fundamental*. Quito: Editorial Ecuador, 2006.
3. MORENO, A. Jorge. La Iglesia en Ecuador Riobamba (desde 1962). In: DUSSEL, E. (org). *Historia General de la Iglesia en América Latina*. Salamanca: Sígueme, 1981-1985, p. 458-489.
4. PROAÑO, Leonidas. *Creo en el hombre y en la comunidad: autobiografía*. Quito: Studio 21, 2011.
5. _____. *Abriendo surcos indígenas*. Fondo Documental Diocesano. Freire: Riobamba, 2011.
6. _____. *Memoria viva*. Para una monografía de la Diócesis de Riobamba 1972 y 1970 - 1984. Fondo Documental Diocesano. Riobamba, 2010.
7. _____. Tres imágenes de Iglesia. In: PROAÑO, Leonidas. *Por una Iglesia Libertadora*. Fondo Documental Diocesano. Quito: Silva, 2010. p. 159-168.
8. _____. Tomada de posição política de uma comunidade eclesial. *Concilium: Revista Internacional de Teologia*, v. 71, n. 1, p. 79-84, 1972.